

## **San Ernesto: Uma Representação Sacralizada de Che Guevara nas Montanhas Bolivianas**

Kauê Carlino Sichinel<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo apresentar as conclusões prévias de meu trabalho de Iniciação Científica que propõe analisar o processo de construção da representação sacralizada de Che Guevara, compartilhada entre habitantes do povoado boliviano de La Higuera. Devido à inexistência de produções científicas que se destinem a trabalhar este tema, o método de História Oral acompanha todo o desenvolvimento do trabalho na perspectiva de se alcançar fontes orais que relatem os elementos que possibilitam a construção histórica e perpetuação da representação de Che Guevara enquanto santo social. Para a confecção das entrevistas, entrevistamos habitantes das cidades bolivianas de Samaipata, Pucará e Vallegrande e do povoado de La Higuera.

Apesar da opção de La Higuera como recorte espacial para análise científica, não há como analisar tal povoado excluindo sua relação com a cidade de Vallegrande, onde tal crença também é compartilhada. A relação entre Vallegrande e La Higuera não se limita ao aspecto econômico, uma vez que Vallegrande é a maior cidade da região, representando um centro urbano e econômico para as demais localidades. Se o guerrilheiro Che Guevara foi capturado em La Higuera no dia 8 de outubro de 1967 e executado na escola local no dia posterior, teve seu cadáver exposto na lavadeira do Hospital Nuestro Señor de Malta, em Vallegrande, durante os dias 9 e 10 de outubro de 1967 e, posteriormente a tal exposição, o Exército boliviano se incumbiu de “desaparecer” com seu cadáver, proporcionando indiretamente interpretações míticas sobre o paradeiro do cadáver de Che Guevara.

Diversos elementos contribuem para a construção e permanência de tal representação sacralizada de Che Guevara; dentre tais elementos, destacam-se a o processo de associação de seu cadáver com a efígie do Cristo morto, iniciado a partir da exposição de seu cadáver e que permanece ainda hoje; a comoção social desencadeada por tal associação; a persistência de uma Cultura do Medo implantada como método repressivo pelo Exército boliviano durante os anos em que esteve atuante na região, entre 1967 e 1997; o contato com pessoas externas à região (em sua quase totalidade, estrangeiros) que se dirigem a La Higuera e Vallegrande com a única intenção de conhecer as regiões onde Che Guevara foi executado e teve seu corpo exposto, o que também influencia, para os habitantes dessas regiões, na renovação de suas próprias interpretações sobre as reais intenções de Che Guevara durante a promoção da guerrilha pelo Exército de Libertação Nacional; e a persistência da precária economia local, onde a renda oriunda do turismo, o qual comercializa a imagem de Che Guevara, é relevante.

**Palavras chave:** Che Guevara; Bolívia; representação.

Desde os tempos de combate em Sierra Maestra, a fama do guerrilheiro Che Guevara se popularizou entre Cuba e com o triunfo da Revolução, em 1º de Janeiro de 1959, Guevara passaria por um processo que o consolidaria na maior influência para a esquerda para a América Latina.

Che Guevara tinha tudo para se tornar imortal: era bonito, destemido e morreu jovem, defendendo conceitos igualmente jovens, como a solidariedade e a justiça social. Sonhou com um novo homem para o século XXI e viveu como “o homem mais completo do século XX”, segundo a clássica definição de Jean-Paul Sartre. Foi radical, moralista e conseqüente. (...) Foi um herói cuja vida e juventude se encerram ao mesmo tempo, abruptamente, congelando o mito. (VEJA; 1997)

A popularização da imagem de Che Guevara foi tão significativa que inspirou não somente obras acadêmicas referentes a temáticas biográficas ou sobre as guerrilhas em que esteve presente<sup>2</sup>, mas também pessoas que decidiram contar sua relação com ele. Dentre esse grupo de autores, os quais se caracterizam por produzirem obras partindo da suas proximidades com o guerrilheiro, podem ser citadas as obras de Ricardo Rojo<sup>3</sup>, Tiro W. Saenz<sup>4</sup> e Aleida March<sup>5</sup>. E, mesmo dentre as obras produzidas sobre suas guerrilhas, há autores que se caracterizam por não terem nenhuma formação acadêmica nas áreas que trabalham Che Guevara, como as duas obras do médico Reginaldo Arze<sup>6</sup> e o livro de memórias do guerrilheiro Harry Villegas<sup>7</sup>.

Em quase sua totalidade, as obras sobre Guevara compartilham de um mesmo erro: trazem à tona uma escrita característica da historiografia tradicional. Apesar de tal crítica não ser tão relevante quando se leva em conta a formação intelectual dos autores, na maioria das vezes sociólogos, nota-se uma imensa carência de obras que trabalhem o alcance da imagem da Che Guevara para camadas das sociedades que não façam parte de partidos políticos ou movimentos sociais. Pode-se afirmar que Guevara ainda é trabalhado enquanto personagem político, tendo escassas obras que o analisem por um viés cultural.

Embasando-nos nas perspectivas da nova história, optamos por trabalhar o guerrilheiro Che Guevara do ponto de vista da “história vista de baixo<sup>8</sup>” e, para tanto, faremos uso de entrevistas orais para caminharmos por uma temática pouco trabalhada até o presente momento. O presente texto tem como objetivo comentar alguns fatos e fatores referentes à interpretação de Che Guevara enquanto santo social em La Higuera, destacando a relação desse povoado com a cidade de Vallegrande.

Há uma significativa dificuldade em trabalhar o tema “San Ernesto de La Higuera” justamente pelos escassos trabalhos científicos sobre tal tema. A primeira fonte que encontramos é a obra de Pericás<sup>9</sup>, *Che Guevara e a luta revolucionária na Bolívia*. Essa obra contribui significativamente para pesquisa pelas suas contribuições com as discussões sobre os problemas políticos que envolveram a guerrilha do ELN<sup>10</sup> e por um pequeno capítulo intitulado “Che Guevara no imaginário social boliviano”.

Segundo Pericás (2008),

importante para a formação da imagem “santificada” de Guevara foi sua associação com a efígie de Cristo. As fotografias expõem o corpo do guerrilheiro assassinado, estendido na lavanderia do Hospital Nuestro Señor de Malta, em Vallegrande, magro, cabelos e barbas longas e com feridas que poderiam ser comparadas às chagas de Cristo, sua traição por um camponês e seu martírio nas selvas bolivianas, são alguns dos elementos que ajudam a compor a figura santa, aos olhos de muitos, que percorreu a América Latina e foi incorporada no imaginário social da região.

Creemos que é, justamente, essa associação física do cadáver de Che Guevara ao de Jesus Cristo o elemento mais importante que possibilita sua elevação à condição de santo. Vale ressaltar que a fisionomia de Guevara não foi associada a algum santo local ou nacional, mas sim à efígie do próprio Cristo morto. Assim, Guevara não é lembrado através de algum santo, mas através da semelhança física com o próprio Deus católico.

Ressaltamos a relevância e perpetuação dessa associação ao analisarmos um trecho da afirmação de Susana Robles<sup>11</sup>, quando perguntada sobre a fisionomia do cadáver de Guevara: “O que mais nos impressionou foram seus olhos. Um olhar forte parecia que ainda estava vivo porque tinha os olhos abertos. As pessoas que olhavam para ele sentiam muita pena, diziam pobrezinho dele.” E, ao ser perguntada sobre a possível associação de sua fisionomia com a de Jesus Cristo: “Sim, parecia, com os olhos abertos e aquela barba comprida.”

O momento histórico, a comoção e a associação à imagem de Cristo, que a senhora Susana Robles nos contou, foi descrito por outra testemunha ocular, Reginaldo Arze(2004)<sup>12</sup>, ao observar a aglomeração de pessoas, à frente do portão do Hospital Señor de Malta, com o intuito de linchar o corpo de Guevara:

Do meio da multidão, que aguardava a liberação para ver o corpo do guerrilheiro, uma senhora gritava: “Eu também quero ver esse tal de Che”. À medida que se aproximava da lavanderia, aumentava seu tom. Continuou assim: “Esse invasor, aquele que matou nossos soldados...” De repente parou de falar, arregalou os olhos. Ficou imóvel quando viu Che à sua frente. A voz suavizou, diluindo a frase: “Esse assassi... Meu Deus!” Parecia estar hipnotizada com o olhar de Che e continuou gaguejando: “Que homem bonito... pobrezinho... parece Jesus Cristo...” Emudeceu, ficou petrificada pelo olhar altivo, digno e tranqüilo de Che.

Os rostos das pessoas eram de admiração e consideração, ninguém tentava insultá-lo ou profanar seu cadáver. A grande maioria queria tocar, e o tocava por alguns segundos. Tinha gente que se persignava quando passava junto a seu corpo inerte, inclusive uma senhora se ajoelhou, e tocou com sua mão à frente de Che, como querendo receber sua bênção.

Compreendemos que tal associação é o desencadear da comoção social e de um posterior processo baseado em interpretações factuais que, relacionadas entre si, possibilitam a interpretação de Che Guevara como santo.

A semelhança com a efigie do Cristo morto não é estipulada somente pela fisionomia de seu cadáver, mas é reforçada pelo estado de seu corpo: Guevara estava com a barba e cabelos longos, seu corpo magro e sujo havia sido estendido em uma maca sobre uma pia, tinha o peito à mostra e as marcas de balas eram visíveis, mas o que mais causou impressão em seu físico era que Guevara trazia no rosto um semblante sereno marcado por um olhar penetrante que parecia acompanhar quem o observava. A fisionomia, que tanto impressionou a enfermeira Susana Osinaga, causou a mesma comoção em Julia Cortes<sup>13</sup>:

Pensei que ele não estivesse morto, não tinha aspecto de morto, fiquei olhando em seus olhos para ver se ele reagia se piscava, se dava algum sinal de vida. Não conseguia sair daquele lugar, fiquei paralisada com a imagem daquele cadáver, tirei forças de onde não tinha e sai para pedir que o tirassem de lá. Posteriormente vieram para removê-lo e foi onde me deu uma crise de nervos uma espécie de estado de choque e desmaiei.

Algumas das fontes bibliográficas que encontramos, fazem uso da terminologia “San Ernesto de La Higuera<sup>14</sup>”, a qual desprezamos, reduzindo-a a “San Ernesto”. Tal modificação se baseia em dois pontos principais: a adoração a San Ernesto não se limita à La Higuera, cremos que o desencadear do processo de santificação, ou mitificação, de sua imagem está mais vinculado à exposição social de seu corpo na lavanderia do hospital Nuestro Señor de Malta, em Vallegrande, do que sua captura e seqüente assassinato em La Higuera. E, em nenhum momento, os entrevistados de Vallegrande ou La Higuera se referiram a “San Ernesto de La Higuera”, o uso freqüente era a tradicional e simplória antonomásia “Che”, mesmo quando os entrevistados reproduziam suas respectivas formas de cultuarem San Ernesto. Somente a associação física entre Guevara e Cristo, não justificaria a interpretação do guerrilheiro como santo. Outros fatos devem ser ressaltados.

Voltando a tomar a obra de Pericás (2008) como fonte, temos o relato de duas versões sobre o que ocorrera com o corpo de Guevara depois de ter sido exposto em Vallegrande:

Não é de estranhar, pois, uma exótica versão sobre o enterro dos restos do revolucionário, que cerca sua figura com um manto místico ainda mais evidente. Testemunhos de alguns camponeses indicam que o corpo de Guevara foi colocado em um caixão de madeira, dentro de outro de zinco, selado hermeticamente, e enterrado em um cemitério sob a inscrição “X”. Isso tudo foi feito, segundo versões jornalísticas, para confundir os possíveis “caçadores de relíquias” e admiradores do guerrilheiro. Contam que algumas pessoas encontraram o caixão, desenterraram-no e nada encontraram lá dentro. A urna vazia aludiria, assim, à ressurreição de Cristo. Outros depoimentos revelaram que um caixão foi retirado da terra e dentro foi encontrado um homem com as mesmas características e feições de Guevara, intacto! Essas versões correram entre camponeses e influenciaram até a mentalidade da classe média na Bolívia (DOTTI *apud* PERICÁS; 2008).

Trazendo a discussão para o tempo presente e fazendo uso de fontes mais específicas, recorreremos à outra entrevista oral. Quando entrevistamos o senhor Policárpio Cortes Severiche<sup>15</sup>, fomos recebidos em sua humilde casa de pau a pique, próxima a Escuelita onde Guevara fora assassinado há pouco mais de trinta e três anos, no povoado de La Higuera. À frente, cria porcos e atrás, dividindo espaço com a inclinação da montanha, cria algumas poucas cabeças de gado e um cavalo.

Policárpio nos contou um pouco sobre os momentos em que a guerrilha esteve na região e quando Guevara foi trazido para La Higuera. Durante os primeiros minutos, Policárpio contou sobre seu breve primeiro contato com alguns dos guerrilheiros do ELN, dentre eles, Che Guevara e quando trouxeram Guevara para a Escuelita.

La Higuera é um pequeno povoado fincado nas montanhas bolivianas e que tende a continuar diminuir de população, o único fato que torna tal povoado relevante para a história, é ter sido palco da última batalha e assassinato de Che Guevara. E é justamente esse fato que atrai turistas o ano todo. Não é incomum que, ao começo de cada conversa com os moradores locais, ouça-se uma espécie de “história geral” sobre a guerrilha do ELN e sobre Che Guevara, em que são citados fatos resumidos sobre a atuação dos guerrilheiros, militares e, principalmente, Guevara. Então, demora-se um pouco para se estipular uma conversa com os moradores, na qual se pretende ouvi-los sobre suas trajetórias de vida e não somente sobre as atuações dos guerrilheiros e militares. Com o senhor Policárpio não foi diferente, mas posteriormente a ter nos relatado a guerrilha a partir da ótica local, conversamos sobre sua opinião sobre Guevara.

Policárpio, pouco depois de nos relatar que pede a Deus que perdoe o mal que Guevara fez e de confessar que recebe ajuda de Guevara<sup>16</sup>, explicou-nos sua relação com San Ernesto através de suas petições:

Kauê: Que tipo de coisas o senhor pede?

Policárpio: Qualquer coisa, quando estou preocupado, quando não consigo fazer ou encontrar alguma coisa. Antes eu tinha algumas vacas e às vezes eu não as encontrava, procurava por vários dias sem encontrar, então eu rezava e pedia a ele para que eu achasse. E assim, com qualquer coisa que me deixasse preocupado. Esta manhã, por exemplo, tomei o café da manhã, e eu tinha pedido ao Che que me ajudasse a achar meu cavalo e então rapidinho eu o achei.

Kauê: Por que o Che os ajuda?

Policárpio: Não sei explicar isso, sei que eu tenho assim uma fé nele, por meio de Deus acho que ele pode me ajudar, porque primeiro Deus e depois os santos. Eu acredito em Deus em primeiro lugar, acredito em alguns santos, algumas almas.

Policárpio demonstra a estipulação e a perpetuação de uma relação estritamente próxima com o Guevara santo, ou com a alma do guerrilheiro, durante seus pedidos de auxílio nas buscas de seus animais perdidos. Na ausência de encontrá-los, no desespero pela possibilidade de perder alguns de seus meios de subsistências e na confiança no santo que crê, Policárpio insere seus pedidos a San Ernesto no seu cotidiano.

Ao trazer Guevara para o presente, e perpetuá-lo em seu cotidiano através de uma crença religiosa, Policarpio projeta uma imagem de Guevara oriunda do imaginário que compartilha e que faz com que o mesmo adore, como um santo, um homem com o qual ele teve pouco contato e somente posteriormente pôde conhecer suas reais intenções. Mas, esse mesmo imaginário, faz com que Policarpio não saiba definir ao certo os motivos que o levam a ter fé no santo ou justificar porque seus pedidos são atendidos.

Essa ausência de justificativas ou linhas de raciocínio exatas é característica do imaginário:

O imaginário tem (...) algo de imponderável. É o estado de espírito que caracteriza um povo. Não se trata de algo simplesmente racional, sociológico ou psicológico, pois carrega também algo de imponderável, um certo mistério da criação ou da transfiguração. (...) O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável.” (MAFFESOLI *in* FACEMOS; 2001, pág.74)

Essa representação que Policarpio compartilha é distante da interpretação de Danielo Montenegro<sup>17</sup> compartilha. Policarpio recorre a Guevara, enquanto santo, em momentos que considera necessário, como em suas petições e agradecimentos, e Danielo, por sua vez, faz uso da ideologia guevarista como mecanismo de crítica política:

Penso que se ele (Che Guevara) estivesse no poder, estaríamos melhor agora. Nosso atual governo usa a imagem de Che Guevara, mas sua forma de governar é o oposto do que ele faria. Quem governa nosso país está ficando rico graças às pessoas que o seguem, e o resto está morrendo de fome.

São dois exemplos de representações distintas sobre um mesmo personagem histórico: ora como santo social, ora como mito político.

Regressando a afirmação de que a crença em Che Guevara enquanto San Ernesto não se limita ao povoado de La Higuera, regressamos a entrevista com a professora Julia Cortes como objeto de análise.

A opção por Julia Cortes se justifica pela relevância que tal personagem tem para a história da guerrilha. Julia foi a única civil que recebeu a permissão do Exército para conversar com Guevara, enquanto o mesmo esteve preso na escola de La Higuera, no dia 9/10/1967. Segundo Julia:

Queria conhecer o homem que diziam ter uma proteção muito sofisticada, que seria difícil de capturar, difícil de matar. Ele me perguntou sobre que acordo estavam fazendo sobre ele, pois momentos antes haviam entrado três senhores e perguntado qual era seu último desejo. Então ele começou a se preocupar, disse aos homens que seu último desejo era comer. Falaram sobre muitas coisas e então voltaram para informar sua decisão, foi nesta hora que ficamos a sós, pediu-me que lhe desse algo para comer. A única coisa que eu tinha era uma sopinha de mani<sup>18</sup>, então peguei um pouco, ele se serviu e tomou um pouco desconfortável, pois ele estava amarrado, agradeceu-me muito e eu fiquei de trazer informação sobre o que estariam planejando para ele.

Tal reencontro nunca pode ser estipulado. Quando Julia regressou à escola, Guevara já havia sido assassinado.

A rápida afetividade adquirida por Julia nesses limitados contatos com Guevara, a comoção gerada pelo contato com o corpo do guerrilheiro pouco depois de sua execução e a posterior compreensão dos ideais guevaristas possibilita uma imagem romantizada da trajetória de Guevara naquela região. O fato de ter conversado com Guevara, onde tais conversas não se consolidavam pelas relações de poderes desiguais entre capturadores e capturado, dá, ao discurso de Julia, traços de um momento nostálgico, que leva em conta que somente ela detém a lembrança daqueles minutos de conversas.

Em outro momento, quando perguntada sobre o período em que a população da região começou a ter contato com as reais intenções de Guevara, Julia comenta que

Elas (as pessoas que, atualmente, crêem em San Ernesto) tinham uma imagem errada dele (Guevara), achavam que ele era o ruim, que tinha vindo para matar, hoje

pensam diferente fazem rituais religiosos, ascendem velas. Estive preparando versos onde digo que Che foi como um incêndio, como uma nuvem em um incêndio que muito alto voa, antes era o diabo que com bala se persegue, hoje é o santo onde ascendem velas.

Apesar da representação de Guevara enquanto mito político não ser exclusividade das regiões de Samaipata, Pucará, Vallegrande ou La Higuera, é somente nessas duas últimas regiões que há a crença em San Ernesto. Mas a própria representação de Guevara enquanto San Ernesto implica a captação de elementos que também são compartilhados com o processo de formação que o representa como mito político. O fator econômico é pertinente e influencia a mentalidade das duas regiões, há o compartilhamento da afirmação de que o turismo é oriundo da passagem de Guevara na região. Oriundo também do turismo, o contato com os estrangeiros, em uma relação de alteridade, é influente na contribuição para a revisão e reinterpretação da visão local da vinda de Guevara para a Bolívia. Deve-se destacar, também, a comoção social, oriunda de seu assassinato em La Higuera, da exposição e associação de seu cadáver com a efígie de Cristo morto, em Vallegrande, como elemento que inicia e permite a persistência do processo de construção da representação de Che Guevara enquanto santo.

De modo geral, nota-se que há a criação, compartilhamento e perpetuação de representações distintas sobre o personagem Che Guevara, todas oriundas da presença do guerrilheiro na Bolívia durante novembro de 1966 e outubro de 1967. Através das mentalidades de cada região, Guevara sofre vários processos de reinterpretação, a qual se destaca a singularidade da sacralização de sua imagem, elevando-o a condição de santo local na região de La Higuera e Vallegrande.

#### **Fontes orais**

Danielo Montenegro Fornandez (áudio). Produção: Kauê Carlino Sichinel. Samaipata, Bolívia: UFGD, 2011. 36 min. (aprox.).

Gonzalo Flores Gúzman (áudio). Produção: Kauê Carlino Sichinel. Vallegrande, Bolívia: UFGD, 2011. 33 min. (aprox.).

Irma Rosado Carriles (áudio). Produção: Kauê Carlino Sichinel. La Higuera, Bolívia: UFGD, 2011. 39 min. (aprox.).

Julia Cortes (áudio). Produção: Kauê Carlino Sichinel. Vallegrande, Bolívia: UFGD, 2011. 35 min. (aprox.).

Policárpio Cortes Severiche (áudio). Produção: Kauê Carlino Sichinel. La Higuera, Bolívia: UFGD, 2011. 33 min. (aprox.).

Susana Osinaga Robles (áudio). Produção: Kauê Carlino Sichinel. Vallegrande, Bolívia: UFGD, 2011. 10 min. (aprox.).

#### **Referências bibliográficas**

ARZE, Reginaldo Ustariz. *O combate do Churo e o assassinato do Che*. São Paulo: Editora Brasbol. 200-.

ARZE, Reginaldo Ustariz. *Vida, morte e ressurreição do Che*. São Paulo: Editora Brasbol. 2004.

DOMINGUES, Juan de Moraes: *Che Guevara: mito, imagem e imaginário*. Texto disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/4174/3171>. Acessado em 07/04/2011.

FAMECOS. Porto Alegre: PUCRS, Edição nº 15. Agosto de 2001. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/face/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3123/2395>. Acesso em 07/04/2011.

GONZÁLES, Pablo Guadarrama. *San Ernesto de la Higuera*. Texto disponível em: <http://biblioteca.filosofia.cu/>. Acessado em 17/05/2011.

GUEVARA, Ernesto. *O diário de Che na Bolívia*. Rio de Janeiro: Record, 1997

MARCH, Aleida. *Evocação*. Rio de Janeiro: Record, 2009

PERICÁS, Luiz Bernardo. *Che Guevara e a luta revolucionária na Bolívia*. São Paulo: Xamã, 2008.

ROCHA, Everardo. *O que é mito*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

ROJO, Ricardo. *Meu amigo Che*. São Paulo: Traço Editora, 1983.

SAENZ, Tirso W. *O ministro Che Guevara, testemunho de um colaborador*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SILES, Juan Ignacio. *San Ernesto de La Higuera: La muerte del Che en el imaginario popular*. In TERÁN, Carlos Soria Galvarro (Coord.). *El Che en Bolivia: documentos y testimonios*. Capítulo 5. La Paz: La Razón, 2005.

VEJA. *A Ressurreição de Che Guevara*. São Paulo: Abril, Edição 1503, Ano 30, nº27, 9 de Julho de 1997.

VILLEGAS, Harry. *Pombo: un hombre de la guerrilla del Che*. Buenos Aires: Editora Política, 1996.

---

<sup>1</sup> Integrante do Programa Institucional de Voluntários de Iniciação Científica (2010-2011). Acadêmico do quarto ano do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: kaue\_carlino@hotmail.com

<sup>2</sup> Refiro-me as três guerrilhas que Guevara participou: em Cuba, entre 1956 e 1959, no então Congo Belga, em 1965, e na Bolívia, entre 1966 e 1967.

<sup>3</sup> ROJO, Ricardo. *Meu amigo Che*. São Paulo: Traço Editora, 1983.

<sup>4</sup> SAENZ, Tirso W. *O ministro Che Guevara, testemunho de um colaborador*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

<sup>5</sup> MARCH, Aleida. *Evocação*. Rio de Janeiro: Record, 2009

<sup>6</sup> ARZE, Reginaldo Ustariz. *Vida, morte e ressurreição do Che*. São Paulo: Editora Brasbol. 2004 e ARZE, Reginaldo Ustariz. *O combate do Churo e o assassinato do Che*. São Paulo: Editora Brasbol. 200-.

<sup>7</sup> VILLEGAS, Harry. *Pombo: un hombre de la guerrilla del Che*. Buenos Aires: Editora Política, 1996.

<sup>8</sup> Apesar de atualmente a expressão ser criticada, citamos-a para demonstrar nossa opção por uma história que não tenha sua base fundada em Guevara enquanto personagem político, mas sim em suas representações em algumas sociedades bolivianas.

<sup>9</sup> PERICÁS, Luiz Bernardo. *Che Guevara e a luta revolucionária na Bolívia*. São Paulo: Xamã, 2008

<sup>10</sup> Exército de Libertação Nacional, criado por Guevara durante a guerrilha boliviana.

<sup>11</sup> Susana Osinaga Robles, enfermeira encarregada de lavar o corpo de Guevara em Vallegrande no dia 09/10/1967. Entrevistamos-a na mesma cidade, no dia 11/01/2011.

<sup>12</sup> Médico e autor já citado no presente texto. Foi o primeiro a denunciar que Guevara foi assassinado e não morto em combate como afirmavam os militares, no dia 10/10/1967, ainda em Vallegrande. Citação retirada da obra ARZE, Reginaldo Ustariz. *Vida, morte e ressurreição do Che*. São Paulo: Editora Brasbol. 2004

<sup>13</sup> Julia Cortes, professora em La Higuera durante 1967, foi a única civil que o Exército permitiu estipular contato com Guevara, quando o mesmo estava preso na escola do povoado. Entrevistamos-a em Vallegrande, no dia 11/01/2011.

<sup>14</sup>Ver PERICÁS, Luiz Bernardo. *Che Guevara e a luta revolucionária na Bolívia*. São Paulo: Xamã, 2008; pág. 184. SILES, Juan Ignacio. *San Ernesto de La Higuera: La muerte del Che en el imaginario popular*. In TERÁN, Carlos Soria Galvarro (Coord.). *El Che en Bolivia: documentos y testimonios*. Capítulo 5. La Paz: La Razón, 2005. E GONZÁLES, Pablo Guadarrama. *San Ernesto de la Higuera*. Texto disponível em: <http://biblioteca.filosofia.cu/>. Acessado em 17/05/2011.

<sup>15</sup> Campesino nativo e morador de La Higuera durante 1967. O entrevistamos em La Higuera, no dia 10/01/2011.

<sup>16</sup> Trecho original da entrevista: “Kauê: O senhor também gosta do Che Guevara? Policárpio: Mais ou menos, peço que Deus perdoe o mal que ele fez e que me ajude também, quando tenho algum problema e estou preocupado sinto que ele me ajuda também.”

<sup>17</sup> Danielo Montenegro, morador de Sampaíta no período e que ainda vive na mesma cidade. A entrevista foi realizada em 09/01/2011, em Samaipata, Bolívia.

<sup>18</sup> Uma espécie de amendoim muito consumido na região.